**Nunca fui capaz de construir uma casa**

Exposição individual Ana Pais Oliveira, Galeria S. Mamede, Porto – 18 de março

A frase é do arquiteto Álvaro Siza, que considera a casa uma máquina complicada:

Nunca fui capaz de construir uma casa. Não me refiro a projectar e construir casas, coisa menor que ainda consigo fazer, não sei se acertadamente. A ideia que tenho duma casa é a de uma máquina complicada, na qual em cada dia avaria alguma coisa: lâmpada, torneira, esgoto, fechadura, dobradiça, tomada, e logo cilindro, fogão, frigorífico, televisão ou vídeo; (...) (Álvaro Siza apud Guerrero, 2011: 25)

Ainda não inventaram um guião para construir casas que faça com que seja infalível todo esse processo de criar o abrigo de alguém, qual função nobre e de grande responsabilidade, ao mesmo tempo poética e, como diria Ernesto de Sousa, criação de raiz umbilical, aventura, sótão, voo possível, terraço, copa densa e viva.

Não há o guião de criar a fortaleza de alguém de modo a não chover lá dentro, não abrirem frinchas, frestas, fendas ou fissuras, não cair a porta de um armário por estar mal colocada a dobradiça, não entrar humidade pelos poros da pele da casa, não se sentir uma brisa de tão pobre isolamento, soalhos que levantam do chão, e logo a inspeção e a caixa das águas que está uma confusão. Não foi ceresitado, que rufos são estes, de baixo para cima nada está bem, os canos estão tão estreitos, não dá para descarregar. As tomadas estão tortas, a madeira afinal não é maciça, troca o vidro por policarbonato, olha a campainha que já deixou de funcionar. É preciso ligar ao picheleiro, ao carpinteiro, ao eletricista, ao senhor das persianas, mas espera, que estas profissões estão em vias de extinção. E depois, como vai ser? Onde vamos morar?

Não inventaram o guião para construtores para que não avarie cada dia uma coisa desta máquina complicada. E então, na casa desesperamos, mas também amamos, ficamos, rimos e sofremos, dançamos, cozinhamos e chamamos para a mesa.

A casa é um lugar íntimo, o lugar por excelência que carrega em si a intenção de sobrevivência, de regresso, de segurança. *Estar em casa* ou *ir para casa* são expressões do quotidiano que denotam a importância que a casa assume enquanto contexto protetor, contentor e apaziguador. É lugar de rituais, de relações familiares, reservatório para memórias de infância e um ponto para a construção da intimidade. Diz Ruy Belo que “Só as casas explicam que exista uma palavra como intimidade”. E é nesta intimidade que pinto as casas imersas em utopia, irrealidade e desproporção, à medida que alio essa ideia de habitação impossível à de lugar para viver.

Ao longo dos anos tenho desenvolvido este fascínio pela casa enquanto lugar primordial e parceira no processo de desenvolvimento das relações humanas, igualmente elemento formal e conceptual de enorme riqueza e profundidade. Todas as pinturas querem ser arquitetura por isso mesmo, não abandonando o seu ser pintura, principalmente através de um igual fascínio pela cor e pelo seu potencial transformador e provocador dos sentidos. A intersecção deste jogo cromático com linhas infinitas e desenfreadas de construção de uma geometria errada mas sedutora compõe as paisagens e os lugares que pinto. Alguns são espaços interiores conectados com uma ideia de intimidade, outros são espaços exteriores conectados com uma ideia de paisagem e o modo como esta se transforma com a arquitetura, a edificação e a intervenção humana. O suporte da pintura surge ele mesmo como excerto de arquitetura, por vezes fragmentado, por vezes oblíquo, por vezes volumétrico e invasor do espaço real. Há também os pequenos guias para construtores, onde o desenho e a colagem projetam casas ou maquetes de casas enquanto essas máquinas difíceis de fazer funcionar na perfeição. Podemos escolher uma para morar. Mas, na verdade, nunca fui capaz de construir uma casa e qualquer uma destas é falível e frágil, acentuando a vulnerabilidade do próprio ser humano. Por isso, fiquemos com as cores, que na verdade fogem ao meu controlo depois de residirem num campo de interação mutável e de excessivas condicionantes ligadas à perceção. A luz, por exemplo, pode estar diferente hoje mesmo. Era Barnett Newman que fazia uma clara distinção entre as cores e a cor: as cores são algo que pode ser comprado por qualquer pessoa e espremido de um tubo de tinta; a cor é aquilo que o artista faz a partir dessas cores. É, de facto, muito raro eu usar uma cor diretamente do tubo de tinta. Faço as minhas cores, misturo e misturo e procuro, e sinto que se as quisesse repetir, uma a uma, estaria condenada ao fracasso. A pintura torna-se, assim, irrepetível, partindo de um processo absolutamente intuitivo e condicional exigido por ela mesma segundo a segundo. Foi Roland Barthes que afirmou que, se fosse pintor, pintaria apenas cores. Talvez seja essa liberdade e autonomia aliados ao impulso de fazer cores que podem, enfim, ajudar-me a aprender a construir uma casa de raiz, sem que caia, ceda, quebre ou se avarie, continuando a ter onde morar e a dar a ver moradas, moradias e lugares para ficar.

Ana Pais Oliveira

março de 2023